

A COLEÇÃO MENINA E MOÇA: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário

Márcia Cabral da Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

José Olympio projetou-se como um dos mais importantes editores de obras literárias e de livros não didáticos no Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 1940. Em 1934, lança a *Coleção Menina e Moça*, inspirada na famosa Bibliothèque de Suzette, publicada na França entre 1919 e 1965. No Brasil, o investimento na coleção mobilizou o interesse de escritores, como José Lins do Rego, e de intelectuais católicos, como Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) e Padre Álvaro Negromonte. Do estudo realizado, infere-se que os livros idealizados para meninas e moças e afiançados pelos intelectuais ligados à Livraria José Olympio Editora circularam no contexto brasileiro dos anos de 1940 e de 1950 e prescreveram tanto o bom comportamento moral quanto a formação do gosto literário.

Palavras-chave: Leitura, menina e moça, prescrição

Abstract

José Olympio became one of the most important editors of literary books, including the non didactic ones in Rio de Janeiro in the period between 1930 e 1940. In 1934, Olympio published the *Coleção Menina e Moça*, inspired in the famous Bibliothèque de Suzette, published in France between 1919 and 1965. In Brasil, the investment in the collection increased the writers' interest, such as José Lins do Rego, as well as the catholic intellectuals such as Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) and priest Álvaro Negromonte. The results of the study indicate that the books idealized for girls and young women, legitimated by the intellectuals related to the Livraria José Olympio Editora, were delivered in the brazilian context of the years 1930 and 1950. These books prescribed the good moral behavior as well as the development of the literary taste.

Keywords: Reading, girl and young woman, prescription

A *Coleção Menina e Moça* produzida pela Livraria José Olympio Editora foi lançada em 1934 e retomada apenas em 1940 (Hallewel,1985, p.376). Consistia em traduções da famosa *Bibliothèque de Suzette*, uma coleção voltada para meninas e moças publicada na França entre 1919 e 1965, que alcançou grande visibilidade na produção editorial da época.

Uma carta escrita por José Lins do Rego, que se tornara escritor da editora em 1934, dirigida a José Olympio, permite levantar a hipótese de que no ano do seu lançamento a coleção era ainda muito pouca conhecida, necessitando, portanto, de grande investimento publicitário por parte do editor:

Sem data

Caro José Olympio.

Um forte abraço.

Vi hoje a **Coleção Menina e Moça** no Cortio. Por que não mandou para as outras livrarias? Desconfio que estes livreiros daqui tenham lhe passado um calho. Hoje estive com o Santos que recebeu maior quantidade de seus livros. Vendem 50 Banguês logo nos primeiros dias. Menino de Engenho vende 20. O Ramalho vendeu 2 Banguês e 20 Menino. De Banguê há procura ainda. Eles disseram que mandaram pedir nova remessa. O que não acredito. Eles não lhe pagaram, esta é que é a minha impressão. Vou fazer grande propaganda sobre a **Coleção Menina e Moça**. É preciso que o seu esforço consiga alguma coisa. Por que não me respondeu a minha carta? Vou por estes dias lhe remetter os 84\$000 que lhe devo. Por que não me escreve? Estará aborrecido commigo?

Adeus e me recomende a sua excelentíssima senhora.

Lembranças aos rapazes da Livraria. E conte comigo.

José Lins do Rego

Ps: Mande-me de presente para a minha filha a **Coleção Menina e Moça**.
(Grifos meus. Pasta REGO, José Lins. Arquivo Museu da Literatura Brasileira. FCRB)

Como se lê na correspondência entre o autor José Lins do Rego e o editor José Olympio, a *Coleção Menina e Moça* anunciava impacto na produção editorial da época, mas era ainda pouco divulgada. Tornar-se-ia, contudo, objeto de interesse para aqueles que configuravam o sistema literário em franca evolução: editor, autor e leitores em potencial.¹ Chamam a atenção as formas como se prescrevia um tipo de comportamento para meninas e moças à época, que oscilava entre o idealizado modelo francês de conduta e a orientação religiosa. As obras que compunham a coleção dirigiam-se à menina e à moça, entre 9/10 a 17 anos de idade, visando à formação de um público leitor específico.

Estudos de tradição francesa e norte-americana na perspectiva da História Cultural indicam profícuos resultados (Chartier, 1996, 2000, 2004 e Darnton,1986) tanto na reconstituição de suportes de texto quanto em relação a práticas de leitura. No âmbito da História da Leitura, uma das perspectivas adotadas pelos pesquisadores consistem em indicar maneiras de se ler que já não ocorrem de modo idêntico no presente, restituindo-lhes as marcas quase invisíveis. Investigar a leitura por esse viés significa, assim, mapear as

referências históricas dessas práticas tendo em conta as mais diversas temporalidades.

Coube a Roger Chartier (1996) a definição de um conceito importante no âmbito da História da Leitura relacionado à possibilidade de recuperação de certos índices inscritos nos suportes examinados. Trata-se dos *protocolos de leitura*. Os *protocolos*, seguindo ainda as reflexões do pesquisador, podem ser de dupla natureza: 1- os elementos inscritos no próprio texto pelo autor, de modo a assegurar a leitura desejada; 2- os elementos próprios do suporte tipográfico. De tal modo, os protocolos de edição constituem marcas essenciais no que diz respeito à compreensão dos sentidos do texto. Em uma palavra, conformam de dupla maneira as práticas de leitura ao longo do tempo.

Ademais, *os protocolos* concorrem para a compreensão das transformações das práticas de leitura ao se associar ao conceito designado como *apropriação da leitura* (Chartier, 1996, 2000, 2004). Os protocolos, ao se referirem a índices materiais inscritos ou sugeridos no impresso, conferem sentidos àquilo que se lê para além das palavras impressas. Merecem destaque, entre os muitos elementos de que são constituídos os livros, as ilustrações, o projeto gráfico, a qualidade do papel, prefácios e orelhas que introduzem a obra. Consistem em componentes materiais, os quais, ao lado do conteúdo veiculado pelo texto, conferem sentidos peculiares no que diz respeito à compreensão do material lido. São capazes de criar, por assim dizer, condições para a *apropriação da leitura*.

Na perspectiva teórica indicada, examina-se parte expressiva dos títulos da *Coleção Menina e Moça*, de modo específico, além dos protocolos textuais inscritos nas capas, quartas capas, orelhas de uma das obras, *O Segredo do Velho Martin* (1947), e no catálogo da Livraria José Olympio Editora de 1949, os quais permitem compreender concepções de leitura e representações sociais do público ao qual se destinava a coleção à época.

Catálogos e protocolos de leitura

Catálogos de editoras podem registrar mais do que simples relação de títulos para serem lidos. Por vezes, trazem anúncios de lançamentos imperdíveis, prometem traduzir obras raras, sugerem zelo e refinamento quanto ao acabamento das edições. O catálogo da livraria José Olympio de 1949 cumpre bem esse papel.

O primeiro contato do leitor com tal tipo de suporte costuma ocorrer através da capa, espécie de sala de visita para o que se pretende anunciar ao longo de suas páginas. A julgar que apropriadas estratégias editoriais permitem potencializar esse espaço, não é de se estranhar que José Olympio, editor de grande prestígio nas primeiras décadas do século XX (Hallewell, 1985)², invista em sua plena utilização. Inscreve-se, na capa, imagem bastante sugestiva, com a possibilidade de atrair diferentes tipos de leitores.



Figura 1 – Catálogo da Livraria José Olympio Editora de 1949.

Observa-se uma família com características das camadas médias e altas reunida na sala de estar – homem, mulher, menina ou pai, mãe e filha – finamente vestida para a ocasião. Cada qual porta um livro e encontra-se absorto em específica modalidade de leitura - a que ocorre de modo silencioso. A família está desenhada em um mesmo espaço para o ato da leitura, compartilhando modos convencionais em torno daqueles objetos – prática bem pouco familiar aos olhos contemporâneos. Além dos personagens harmonicamente reunidos, sublinha-se o lugar de destaque ocupado pelo objeto livro. Tal como o vaso de flores, o quadro e a cortina pendurados na parede, os livros não se encontram ali apenas para serem lidos. Encadernados em percalina vermelha, inscrição em material dourado, esses objetos sugerem requinte e status social para os seus portadores. Na direção dos estudos de Bourdieu, é possível identificar na imagem marcas identificadoras de *capital simbólico* por intermédio da posse dos livros e do ambiente requintado que se dão a ver (Bourdieu, 2003). Ao associá-los à menina e à mulher, chamam a atenção o modo recatado e os ornamentos em seus corpos que as aproximam bastante da imobilidade dos objetos decorativos da casa.

Conforme ainda sublinha Chartier (1996), os autores, os editores, o texto escrito impõem uma determinada forma de se ler, o que pode estar sugerido claramente pelo escritor, ou indicado pela materialidade do impresso. Esse mecanismo asseguraria o uso adequado do texto, além de esboçar o tipo de leitor ideal a ser capturado. Dada a relevância das reflexões formuladas pelo pesquisador, merece observação tanto a representação do leitor imaginado quanto as habilidades que a ele se atribuem, uma vez que regulariam as estratégias de sedução por parte de autores e editores.

No catálogo examinado, além das estratégias observadas na capa, há alguns outros índices desses protocolos que merecem ser examinados.

Embora a coleção analisada inscreva-se na produção editorial infanto-juvenil de José Olympio, conforme a classifica Pereira (2008),³ o recorte infanto-juvenil contemporâneo não seria a classificação que melhor a distinguiria. O exame do catálogo de 1949 não deixa dúvidas: consistia em uma coleção para menina e moça, idade feminina de 9 a 16 anos/ 10 a 17 anos, um tipo de leitora representada, portanto, segundo características bastante peculiares para o ideário da época.

Leitura para a menina e para a moça

Se estratégias discursivas em tom de grande cautela advertiam a mulher moderna ao longo das páginas do catálogo, dobravam-se os cuidados relativos à menina e à moça para a entrada na cultura letrada por intermédio da leitura de romances. Nos anos de 1930, a mulher assumia inserção na vida pública, cujo direito de voto, em 1932, constitui emblema dos papéis de relevo que iria encenar ao longo do século XX.⁴

Na historiografia relacionada às mulheres e às relações de gênero no Brasil (Soihet e Pedro, 2007; Louro, 2008)⁵, pode-se encontrar a mulher das camadas de prestígio representada em romances, revistas e propagandas como a esposa ideal, recolhida ao lar e aos afazeres domésticos, segundo os padrões da sociedade tradicional que privilegiava o homem como o centro provedor da família. Todavia, representações a partir de finais do século XIX e na primeira república permitem vislumbrar papéis mais ativos e combativos atribuídos às mulheres em organizações sindicais, nos movimentos anarquistas. Representações de mulheres instruídas e com participação na vida privada podem ser identificadas, por exemplo, em romances brasileiros da época e em revistas dirigidas ao público feminino letrado no período examinado.⁶

Barbara Heller (2006), ao desenvolver pesquisa a respeito de mulheres e de leitura no período entre 1890 e 1920, aponta ilustrações interessantes para o estudo em tela. Segundo o levantamento realizado pela pesquisadora, podem-se acompanhar oscilações nessas representações que ora apresentam a mulher como “a rainha do lar”, que conhece os livros por intermédio da biblioteca do marido, ora indicam a mulher instruída, que lê seus próprios livros. Nas palavras da autora:

Outra personagem feminina leitora, Edgarda, de *Numa e a Ninfa* – romance de Lima Barreto de 1915, que descreve a vida do Rio de Janeiro recém-republicano, as oscilações, os sobressaltos, os conchavos dos políticos interessados em manter o poder - tem uma biblioteca em casa. Não se trata mais de compartilhar a do marido, mas de ter a sua própria (...)

Pode-se pensar, num primeiro momento, que ter a sua própria biblioteca recheada de livros escolhidos por ela, faz de Edgarda a personagem mais emancipada das até agora discutidas. Afinal, nem Luísa, de França Júnior, nem Leonor, de Coelho Neto, nem Estela e Iaiá Garcia, de Machado de Assis, nem Fernanda, Anita e Eva, de Júlia Lopes de Almeida, possuem livros ou as mesmas condições de prática de leitura que Edgarda. Algumas dessas

personagens possuem livros de estudos, mas sofrem pressões sociais para abandoná-los; outras, raramente leem e outras, ainda, só leem o que é permitido pelo marido (Heller, 2006, p.30-33).⁷

De outra parte, a leitura de romance fora considerada atividade perigosa para a mulher desde a introdução do gênero no Brasil ao longo do século XIX (Candido, 1981, 1999; Abreu, 2003). Os perigos relacionavam-se a desastrosas influências em sua personalidade. Poderia provocar ideias pecaminosas, ao possibilitar a identificação da leitora com atitudes adúlteras das personagens, acreditavam alguns. Tirava-lhe a atenção dos afazeres domésticos, advogam outros. Ler significava, então, identificar-se com as sensações daquele que escrevia e, ao mesmo tempo, induzir os leitores a explorar e a ampliar suas próprias possibilidades, segundo o modelo que era lido.

Em face do imaginário herdado em torno da censura à literatura destinada às mulheres, as prescrições registradas no catálogo em exame acompanham a coleção com requintes de controle. Assim lemos:

Sim, para evitar-lhe futuros dissabores sérios, procure orientar a leitura de sua filha com romances que a encantem, mas que sejam de absoluta confiança. Romances que contribuam para aprimorar-lhe o caráter, que o ajudem decisivamente na formação moral sadia de sua filha, romances que o auxiliarão a fazer do lindo “entre-aberto botão, entre-fechada rosa”, uma leitora de bom-gosto e uma mãe de família firmemente orientada. (Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, p. 168-169).

Convém observar ainda o fato de que a *Coleção Menina e Moça* fosse anunciada na seção para o leitor católico, como se houvesse uma grande ameaça de ordem moral espreitando as jovens leitoras. Em meio aos títulos virtuosos como *Memórias de Santa Teresa de Jesus*, *Catecismo Historiado*, *São Francisco de Assis e a Poesia Cristã*, destacavam-se os títulos produzidos pelo educador católico, Padre Álvaro Negromonte, cujas advertências pontuariam diversos protocolos textuais da coleção. Examinem-se, primeiro, as orientações contidas nos títulos de suas obras: *A vida de Jesus para a Infância e a Juventude*, *Noivos e Esposas* (Problemas do Matrimônio), *A Educação Sexual* (Para Pais e educadores), *As Fontes do Salvador* (Missa e Sacramentos – de acordo com o programa do curso secundário), *O Caminho da Vida* (Moral Cristã), *Meu Catecismo*. (Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, p.140).

Padre Álvaro Negromonte, além de exercer papel de destaque entre os intelectuais católicos, atuando como diretor do ensino religioso na Arquidiocese de Belo Horizonte (Bandeira, 2000), editou obras na vertente católica com a chancela da Livraria José Olympio Editora. Era um modo importante de fazer circular literatura religiosa para além dos circuitos confessionais. Tais publicações cobriam as relações entre noivos e esposos, interferindo na conformação da família católica brasileira, de um lado. De outro, como os títulos acima revelam, o autor indicava orientação na educação religiosa de crianças e de adolescentes, produzindo material voltado para a circulação nas escolas.⁸

Cartas do Padre Álvaro Negromonte endereçada ao editor José Olympio ilustram com propriedade a orientação a um só tempo pedagógica e religiosa veiculada em obras do escritor voltada à criança e ao jovem:

DOC: 79/615
Belo Horizonte, 24 – 4 – 44
Prezado amigo Sr. José Olympio
Saudações

Junto a esta o memorial em que a “Editora Vozes Ltda.”, antiga editora de meus livros, me comunica que a edição (2ª) de “Doutrina Viva” está a se esgotar. Remeto-lhe, em separado, sob registro, pelo correio, um exemplar que servirá para a nova edição, entregue a seus cuidados.

Tomo apenas a liberdade de lembrar que é um livro didático que não pode faltar no começo do ano.

Com muita estima,

P.A. Negromonte

DOC. Nº: 79.676

Meu caro José Olympio

Não o encontrando, e não podendo esperá-lo, deixo-lhe o que queria dizer-lhe sobre a “Vida de Jesus para crianças”. Perdemos a oportunidade de Natal e o livro foi dado em abril! Será que perderemos a Páscoa também? Peço-lhe encarecidamente que corresponda ao esforço que fiz para dar os originais em tempo.

Queira desculpar a reclamação, que me parece justa.

Com um abraço.

P.A. Negromonte

Rio, 13/1/47

(Pasta NEGROMONTE, Padre Álvaro Arquivo- Museu de Literatura Brasileira da FCRB)

Doutrina Viva; Vida de Jesus para crianças. Como se pode observar, os livros do Padre Álvaro Negromonte estavam previstos para circular tanto nas escolas de orientação católica quanto na vida privada das famílias que professavam a religião. Mas, a perspectiva da editora para o que se considerava à época crianças e jovens inclinava-se, sobretudo, para a ficção dirigida à menina e à moça.

De tal modo, o horizonte da circulação de livros endereçados ao público leitor feminino, por intermédio da editora que passava a ocupar lugar de destaque no campo editorial de coleções e de obras ficcionais, tornava-se promissor. Todavia, romances para mulheres ainda eram avaliados com grande cautela.

Não causa estranheza, portanto, que a relação dos títulos da seção para o leitor católico, nas páginas do catálogo de 1949, encerre-se com o anúncio da *Coleção Menina e Moça*, avaliada primeiro por Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, Presidente da Ação Católica

Brasileira: “Iniciativa altamente louvável. São raros os bons livros para moças em português. Uma coleção como essa, em que a qualidade literária não perturba o nível moral e vice-versa, é um grande serviço prestado à mocidade feminina”. A seguir, prescrita pelo renomado religioso, Padre Álvaro Negromonte: “É uma coleção que pode estar nas mãos de todas as adolescentes, divertindo-as, encantando-as, edificando-as” (Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, p.146)

A interferência de Alceu Amoroso Lima tem importância particular na circulação da coleção pelo grande prestígio que gozava à época: escritor, pensador, educador e crítico literário, que na historiografia literária foi considerado alinhado a um tipo de crítica de natureza moralista, a exemplo do crítico Jackson de Figueiredo.⁹

Com vistas a melhor compreender o prestígio do crítico, merece exame cuidadoso ilustração de parte da correspondência ativa e passiva entre José Olympio e Alceu Amoroso Lima. No âmbito do trabalho na editora, Alceu escrevia prefácios para obras, traduzia obras estrangeiras e escrevia obras em campos tão diversos quanto crítica literária, sociologia, psicologia, dentre outros. A sociabilidade entre o crítico e o editor é também digna de nota, visto revelar nuances do pensamento social brasileiro por intermédio de um sistema literário em fase de consolidação.

21-2-41

Meu caro Tristão

Fiquei muito contente por v. ter aceito a tradução do livro do Maritain. Só você mesmo é quem devia traduzir esse livro.

Verei forma de fazer (pouco legível) a tradução em 30 dias. Como o livro é pequeno, e dada a tua grande oportunidade, se lhe for possível apresentá-la (sic) antes, tanto melhor.

Quero pedir-lhe um pequeno prefácio para ser publicado lá, a fim de prepararmos e publicá-lo para o livro. Disse mal um pequeno prefácio. Um prefácio ou mesmo um ensaio sobre Maritain.

Há, ainda, outra coisa importante. Não é o título bom para o Brasil. Que título então (você) sugere? A fim de cuidarmos da publicidade peça-lhe (...) (ilegível) algumas sugestões.

Abraços,

José Olympio

(OLYMPIO, José – Pasta nº 309, Arquivo 04, Gaveta 02; Biblioteca Tristão de Athayde – Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade –).

20-2-41

ALCEUAMOROSO LIMA (papel timbrado com nome do crítico)

Meu caro José Olympio

A tradução já está pronta e vai ser passada a máquina. Fi-la eu mesmo. Quanto ao prefácio, o máximo que posso fazer, no momento é resumir os 4 ou 5 artigos que há tempos escrevi sobre o assunto, acrescentado o que também escrevi sobre Maritain.

Ensaio, (...) (pouco legível), agora não posso fazer, nem tenho aqui os livros

necessários, nem tempo, nem nada.

Um abraço do seu

Tristão

PS: “Noite de Agonia” talvez (sic) conciliasse os dois títulos. Envio uma série de títulos possíveis. Os que me agradam são: “A França em Agonia” e “Noite em França”. O primeiro vai irritar ou escandalizar (sic). Será que preciso explicar em que sentido emprego o termo – agonia? Decida e diga-me com urgência, pois terei de modificar o início do prefácio de acordo com o título escolhido.

Cordialmente

(Pasta LIMA, Alceu Amoroso, Arquivo–Museu de Literatura Brasileira – FCRB

— Col. J.O. Doc nº 79.523 a 79.530)

A correspondência entre o editor e o crítico sugere o grande prestígio de Tristão de Ataíde junto à Livraria José Olympio Editora, a ponto de traduzir obras e prefaciá-las. Curioso atentar para o fato de que o editor na carta demonstre certo constrangimento em solicitar por parte do crítico a elaboração de um simples prefácio, estendendo-o, em seguida, a um ensaio.¹⁰ Além desses aspectos, a sua reputação no âmbito literário permitia-lhe sugerir títulos e ressaltar os que mais lhe agradavam. Sublinha-se, portanto, a notável interferência do crítico: conciliava a um só tempo prestígio literário e orientação católica amplamente difundida na sociedade brasileira à época.

Não surpreende que a orientação do crítico estendesse-se à apresentação da *Coleção Menina e Moça*, visto tratar-se de material a ser lido sob acentuado controle. Se a reputação gozada por Alceu Amoroso Lima à época afiançava, por um lado, a qualidade literária das obras para meninas e moças; por outro, interferia na produção e na circulação das obras de vertente católica em geral junto à Livraria José Olympio Editora, como a correspondência anteriormente registrada revela.

Na mesma seção para o leitor católico do catálogo de 1949, lia-se ainda a advertência que segue abaixo. Dentre outros aspectos, o discurso ali veiculado permite inferir que boa literatura direcionada para a menina e para a moça devia ser selecionada pelos pais católicos, conformando-lhe o gosto e associando-a à rigorosa orientação moral:

Leitor Católico: Não deixe para amanhã a organização da biblioteca de sua filha. Antes que ela se acostume a leituras que lhe podem ser muito perniciosas à formação moral e literária, ponha em suas mãos a *Coleção Menina e Moça*, habituando-a a escolher sempre a boa leitura. (Catálogo da Livraria José Olympio 1949, p. 146)

A fim de afastar tentações e qualquer risco de perigo advindo de uma leitura má ou perniciosa, o catálogo trazia em suas páginas trecho digno de atenção em meio à retórica legitimada nas palavras de outro padre, o ilustre Antonio Vieira, a propósito da importância da leitura:

São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, reprimem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos: e assim, com a força de tratar com pessoas honestas e virtuosas, se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, também, à força de ler os livros se aprende a doutrina que eles ensinam. Forma-se o espírito, nutre-se a alma com bons pensamentos e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada que se o compare: e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir. (Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, p. 146).

Tendo-se preparado os espíritos com muito zelo, podia-se, então, passar ao anúncio da coleção propriamente. Tratava-se de 30 romances, ao preço módico de 480 cruzeiros, pagáveis em 10 prestações mensais. E os números não se limitavam aos títulos e às formas de pagamento. Segundo a retórica do catálogo, a menina ou a moça teria disponível 5.000 páginas de “leitura de primeira ordem”.

Convém observar, então, os títulos relativo às 5.000 páginas de “leitura de primeira ordem” ou “da única coleção existente no Brasil para a idade feminina que vai dos 9 aos 17 anos”:

Volumes já publicados:

1- Sir Jerry, Detetive; 2- Aventuras de Cartola; 3- O Jardim das Glicínias; 4- A Fugitiva; 5- O Mistério de Kerjone; 6- As Estranhas Férias de Sir Jerry do Velho Martim; 7- O Quarto Misterioso; 8- Os Louros Fantasmas de Soudranc; 9- O Segredo do Velho Martim; 10- O Inevitável Sir Jerry; 11- Senhorita Indesejável; 12- O Mistério do Castelo de Morande; 13- O Segredo da Torre; 14- Sir Jerry na Bretanha; 15- Memórias de um Gato Aventureiro; 16- O Tesouro Maravilhoso; 17- A Casa dos Cravos Brancos; 18- Nanette, a Acendedor de Lanternas; 19- A Perigosa Missão de Sir Jerry; 20- A Herdeira de Ferlac; 21- A Princesa de Neve; 22- O Pequeno Rei de Bengala; 23- A Herança do Cigano; 24- A Conquista da Torre Misteriosa; 25- Afilhada das Abelhas; 26- Os Robinsos da Montanha; 27- O Exílio de Solange.

Mensalmente aparecem novos volumes. (Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, p. 168-169).

Os títulos dos volumes em circulação sugerem uma gama variada de assuntos: aventura, mistério, suspense, e algumas temáticas próximas do interesse infantil, como princesas, castelos, fantasmas. Chama a atenção, por outro lado, o fato de que o mercado editorial para esse público leitor, representado pela Livraria José Olympio Editora na década de 1940, mantivesse apenas títulos traduzidos¹¹ da legitimada Bibliothèque de Suzette, o que nos faz pensar em uma forma de modelar o gosto segundo a cultura francesa, considerada chique e de muito bom gosto ao longo do século XIX, representação que perdurava na metade do século XX:

A “Menina e Moça” divulga os romances da famosa “Bibliothèque de Suzette”, tradicional coleção das moças de França. Sua filha, irmã, sobrinha ou afilhada, os têm em nossa bela língua criteriosamente traduzidos e agradavelmente apresentados, fazendo assim despertar-lhes o bom-gosto para os preciosos tesouros da literatura que elas, rosas desabrochadas, certamente aprenderão a saborear. (Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, p. 168-169).

As pesquisas sobre coleções destinadas a gêneros e a idades determinadas indicam que, embora tenha havido investimento editorial no setor desde a segunda metade do século XIX, os editores brasileiros tendiam a entrar nesse circuito com alguma cautela, visto que estavam em jogo públicos diferenciados, incluindo-se até mesmo edições populares (Hallewell, 1985 e El Far, 2006.). A estratégia de sedução do leitor pelo mecanismo de organização das obras em séries e em coleções tem sido estudada por diferentes perspectivas que tomam o livro e a leitura como objetos de investigação ao longo da história.

As séries e as coleções visam a um público específico e, em função desse público, são pensados protocolos inscritos nos livros, como as imagens impressas nas capas, os prefácios, os títulos, os tipos de letras, de um lado. De outro, o conteúdo da obra, a temática, os personagens que se repetem de um título a outro, como no caso das obras de ficção, a escolha de nomes legitimados no campo para compor o conselho editorial das coleções ou mesmo coordená-las. Educadores, como Arnaldo Oliveira Barreto e Manoel Bergström Lourenço Filho, por exemplo, foram convidados a dirigir diferentes coleções que a Editora *Melhoramentos* viria a publicar ao longo das primeiras décadas do século XX, dedicadas à ficção para crianças, manuais escolares e textos sobre Educação.¹² Ainda no que diz respeito a políticas editoriais voltadas ao investimento em coleções para o público examinado, merecem relevo as estratégias desenvolvidas por parte da Companhia Editora Nacional no mesmo período.¹³

Quanto ao exame da coleção *Menina e Moça*, destacam-se os protocolos textuais, as orelhas, que compõem uma das obras, *O Segredo do Velho Martin* (1947). Ali, observam-se as mesmas recomendações expressas por Tristão de Ataíde no Catálogo de 1949 e algumas prescrições, em acréscimo, registradas pelo Padre Álvaro Negromonte, as quais servem de introdução cautelosa à leitura:

É uma coleção mimosa, de pequenas histórias interessantes, de bem acentuadas lições morais, de um discreto perfume religioso às vezes, que pode estar nas mãos de todas as adolescentes, divertindo-as, encantando-as, edificando-as.

Como pudemos acompanhar, os catálogos e os protocolos textuais das obras constituem suportes e índices para se entender, entre outros aspectos, a concepção de leitor criada pelos editores. No caso do catálogo examinado, a leitora idealizada ora aparecia como frágil, desprotegida, ameaçada pelos perigos da leitura considerada perniciosa, por vezes sensível botão ou rosa, além de muito recatada.

Dentre os principais resultados alcançados, destaca-se a leitura de romances para um

seguimento social considerado “entre-aberto botão e entre-fechada rosa”, que merecia todo cuidado e controle no acesso à leitura de ficção. Os romances, para que pudessem ser considerados de bom-gosto e inofensivos, eram traduzidos por renomados escritores da Livraria José Olympio Editora, como Raquel de Queiroz, e avaliados por padres e intelectuais católicos, como nos fazem pensar os conselhos do Padre Antonio Vieira, as advertências do Padre Álvaro Negromonte, assim como as recomendações do intelectual católico Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde).

Observou-se, portanto, tratar-se de um misto entre material de leitura prescritivo, capaz de oferecer ao mesmo tempo advertência moral e ensinamentos. Além disso, o exame dos discursos registrados nos diversos suportes de texto permite inferir a intenção de fazer circular obra de ficção inofensiva para a então considerada fase delicada feminina, entre 9/10 a 16/17 anos de idade, que todo cuidado deveria adotar para o conhecimento do mundo.

Por último, a coleção era considerada boa literatura por conter a chancela de renomados intelectuais e educadores católicos, como Padre Álvaro Negromonte e Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), os quais, por gozarem de grande prestígio no campo da cultura e da educação, afiançavam, segundo a doutrina católica, a produção, a circulação e a recepção das obras relacionadas na *Coleção Menina e Moça*.

Notas

- ¹ Segundo Antonio Candido (1981, 1999), a noção de sistema literário pressupõe a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores, públicos e tradição. Na ausência de um desses elementos, configuram-se as manifestações literárias e não um sistema literário propriamente.
- ² Conforme Hallewell (1985) indica, o editor José Olympio mudou-se de São Paulo para o Rio de Janeiro em 1934 e distinguiu-se na literatura nacional. Na ocasião, o mercado para essa literatura estava crescendo rapidamente. Alguns dados são esclarecedores: o editor, em 1933, lançara apenas oito livros; em 1934, publicou trinta e dois; em 1935, cinquenta e nove e, em 1936, foram lançados sessenta e seis novas edições da José Olympio, o que permite considerá-lo o maior editor nacional no campo de edições literárias e livros não didáticos no período examinado. (p.356-357).
- ³ O ensaio de Pereira (2008) traz uma ampla apreciação da trajetória do editor e das mais importantes edições lançadas pela Editora José Olympio.
- ⁴ Vários estudos assinalam o direito ao voto como um significativo emblema da inserção da mulher na vida pública. Ver, em especial, Giuliani, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. IN: Priore, Mary Del (org.). Histórias das Mulheres no Brasil. São Paulo: Unesp/Contexto, 2008 e também Maluf, Marina e Mott, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. IN: Novais, Fernando A. História da Vida Privada no Brasil; Sevcenko, Nicolau. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Volume: 3. 2008. São Paulo: Companhia das Letras,.
- ⁵ Para a compreensão da história das mulheres e das relações de gênero no Brasil, o primeiro estudo é fundamental, pois traz um mapeamento interessante das categorias de análise sobre o tema em circulação no Brasil. Conferir em: SOHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº54, p.281-300, 2007. O segundo estudo é também particularmente ilustrativo da categoria gênero como representação histórica e social. Conferir em: LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.443-481.
- ⁶ Dentre as diversas pesquisas que abordam o tema da mulher como leitora, conferir, em especial: Lacerda, Lilian. *Álbum de leitura*, São Paulo: Unesp, 2006. Morais, Maria Arisnete Câmara de. *Leituras femininas no século XIX* (tese de doutorado). Campinas: Unicamp, 1996. Cunha, Maria Teresa Santos. *Armadiilhas da sedução: os romances de M.Delly*. Belo Horizonte, 1999.

- ⁷ Em sua pesquisa, a autora recupera nas obras ficcionais de França Júnior, Coelho Neto, Machado de Assis, Valentim Magalhães, Lima Barreto, Júlia Lopes de Almeida, Adolfo Caminha, Aluísio de Azevedo e Raquel de Queirós representações de mulheres leitoras na passagem do século XIX aos anos 20 do século XX.
- ⁸ Convém assinalar a intensa polêmica entre lideranças católicas e os defensores da Escola Nova no início dos anos 30. O manifesto dos pioneiros da Escola Nova, ao defender princípios tais como a laicidade e coeducação, provocara a reação das lideranças católicas. Assim é que, desde 1932, o tema Ação Católica é focalizado em revistas católicas de expressão nacional, como a Revista Vozes, no Rio de Janeiro, e Alceu Amoroso Lima, além de escrever artigos defendendo a AC, promove cursos sobre esses princípios, contendo críticas contundentes aos pioneiros. Em 1937, o Estado Novo impõe o domínio do estado autoritário sobre a educação e as instituições democráticas e acaba por assegurar o ensino facultativo de religião nas escolas públicas. (Bandeira, 2000, p.23-115)
- ⁹ Segundo o crítico literário Afrânio Coutinho (1980), as diversas abordagens críticas tendem a aparecer misturadas. Grande parte dos críticos serve-se de várias correntes, ora privilegiando a análise psicológica e a interpretação moral, ora a ênfase no histórico e no comentário estético. Na perspectiva moral, a crítica pauta-se, sobretudo, pelo valor ético e não pelo valor estético. No Brasil, a crítica moral tem sido exercida em nome do catolicismo. Afrânio Coutinho destaca o movimento de recristianização iniciado a partir da década de 1920, colocando em destaque a crítica de Jackson de Figueiredo (1891-1928). (P.887). Alceu Amoroso Lima (1893-1983) embora tenha se formado em Direito, dedicou-se ao magistério de Sociologia. Para tanto, entre 1930 e 1934, se aprofundou em estudos de Economia e Sociologia, sem, contudo, deixar o exercício de professor de Doutrina Social da Igreja no Instituto Católico de Estudos Superiores. (CURY, 2002, 45-50). Converteu-se ao catolicismo por influência de Jackson de Figueiredo e, possivelmente, à crítica moral. Fundador da Ação Católica Brasileira (ACB) e da Liga Eleitoral Católica (LEC), participou ativamente do movimento de renovação católica. Dirigiu a Revista A Ordem, que, segundo pesquisa realizada por Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (2008), foi fundada em 1921 e se destacava no âmbito das publicações do movimento da renovação católica no Brasil, frente à tendência laicizante, fruto da instauração do regime republicano. Em 1933, atuou como Secretário-Geral da LEC; em seguida, tornou-se Presidente da ACB. Sua produção científica é bastante ampla e se estende a áreas tais como: educação, filosofia, religião, literatura, sociologia, etc..
- ¹⁰ O exame do catálogo de 1949 permite inferir que o autor reviu a decisão, uma vez que a obra de Jacques Maritain (1882-1973), *Noite de Agonia em França*, é anunciada seguida do ensaio de 90 páginas escrito por Tristão de Ataíde. A escolha de Tristão de Ataíde para traduzir e prefaciá-la obra não parece casual, visto que se tratava de filósofo francês de orientação católica (tomista) bastante conhecido pelo crítico, conforme assinala Gilberto de Mendonça Teles na introdução ao livro *O Pensamento Estético de Alceu Amoroso Lima*. Volume II .Rio de Janeiro: Educam; Paulinas, 2001.
- ¹¹ Dentre os tradutores, destacam-se Raquel de Queiroz, Gulnara Lobato de Moraes Pereira, Waldemar Cavalcanti, dentre outros.
- ¹² Consultar o trabalho de SOARES, Gabriela Pellegrino. Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidade das edições Melhoramentos dos primórdios aos anos 70. In: Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. São Paulo: Edusp, 2009. v.1.
- ¹³ A este respeito deste tema, ver o trabalho de TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções (1925 – 1980): entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial. São Paulo: Edusp, 2009. v.1.

Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Os caminhos do livro*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- BANDEIRA, Marina. *A igreja católica na virada da questão social (1930-1964)*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas/FFLCH?USP, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 2 volumes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CATÁLOGOS DAS EDIÇÕES EM STOCK DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA. Rio de Janeiro:

- Livraria José Olympio Editora, 1949.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. *Caminhos do Pensamento Crítico*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Pallas em convênio com o INL, 1980.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CURY, Carlos Roberto, Jamil. Alceu Amoroso Lima. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque e BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP-COMPED, 2002, p.45-50.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. IN: Priore, Mary Del. *Histórias das Mulheres no Brasil* (org.). São Paulo: Unesp/Contexto, 2008.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
- HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Ideais, 2006.
- LACERDA, Lilian. *Álbum de Leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O pensamento estético de Alceu Amoroso Lima*. TELES, Gilberto Mendonça Teles (introdução e organização). Volumes I e II. Rio de Janeiro: Educam; Paulinas, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.443-481.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Crônica feminina: sobre o lugar da mulher e de sua educação no periódico católico A Ordem* (anos 1930). In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello e XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação: usos e destino*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p.11-126.
- MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. IN: SEVCENKO, Nicolau. (organizador do volume). *História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à Era o Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- OGAN-SAINT, Claude. *O segredo do velho Martin*. Coleção Menina e Moça. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947.
- PEREIRA, José Mario (org.). *José Olympio: o editor e sua casa*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidade das edições Melhoramentos dos primórdios aos anos 70. In: *Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*. São Paulo: Edusp, 2009. v.1
- SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. Revista Brasileira de História, v.27, nº 54, p.281-300, 2007
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções (1925 – 1980): entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: *Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*. São Paulo: Edusp, 2009. v.1

Correspondência

Márcia Cabral da Silva – Professora adjunta Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Brasil.

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.
